

de **Ana Cristina Braga Martes**
São Paulo : Paz e Terra, 2000. 204 p.

por **Maxine L. Margolis**, Professora do Departamento de Antropologia da Universidade da Flórida e Autora de *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York* (São Paulo : Papirus, 1994).
E-mail: maxinem@anthro.ufl.edu

Atualmente, cerca de 600 mil brasileiros vivem em Massachusetts. A maioria deles é jovem, dois terços têm 34 anos ou menos, e seu nível de escolaridade está acima da média brasileira. Por que esses jovens estão deixando o país?

Para eles, segundo Ana Cristina Martes, professora de Sociologia da FGV/EAESP, a emigração é uma opção de baixo risco e representa um tipo de oportunidade de investimento, um "o que eu tenho a perder?". Os custos da emigração estão, geralmente, ao alcance da classe média, os emigrantes têm a chance de conhecer um país estrangeiro e, se acharem que não deu certo, têm a possibilidade de voltar para casa. Eles também possuem objetivos muito claros quando partem para os Estados Unidos. Buscam empregos mais bem remunerados ou procuram economizar dinheiro com um propósito específico e, portanto, podem ser enquadrados na categoria que os cientistas sociais chamam de *target earners.* Um outro motivo – tipicamente daqueles que têm melhor nível de escolaridade – é o de aumentar seu "capital cultural e humano". Em outras palavras, buscam a aquisição de novos conhecimentos, inclusive aprender inglês, e entendem que a emigração lhes permite enriquecer suas vidas e talvez conseguir melhores empregos caso voltem ao Brasil.

A perda da mobilidade social é um dos fatores que motivam as pessoas a procurar sua sorte no exterior, especialmente entre aquelas que têm diploma de universidades particulares e, portanto, menos valorizado no mercado de trabalho brasileiro. Paradoxalmente, os brasileiros aceitam rebaixar o seu *status* de trabalhador nos Estados Unidos – uma mulher que foi professora ou secretária no Brasil pode limpar casas em Boston –, mas, para isso, outros valores são ressaltados. Esses brasileiros não somente aumentam seu poder de compra mas também ganham um novo estilo de vida e um novo senso de cidadania, além de receberem salários mais elevados.

Muito embora os imigrantes brasileiros nos EUA desempenhem funções sem prestígio, alguns tendem a avaliar sua experiência positivamente. O respeito pelo indivíduo, por exemplo, que eles consideram um valor da sociedade americana, é algo que passam a valorizar. Recebem um tratamento respeitoso dos patrões,

assim como dos funcionários públicos, especialmente pelo contraste com a situação que vivenciaram "em casa". A despeito de sua situação de "não documentados", consideram que os direitos que têm nos Estados Unidos (em termos de acesso à educação básica e assistência médica) são superiores àqueles que tinham no Brasil.

Que funções os brasileiros exercem? Limpam casas e escritórios, entregam pizzas e comestíveis, lavam pratos e limpam mesas de restaurantes. Alguns poucos possuem pequenos negócios que atendem à própria comunidade de imigrantes – restaurantes brasileiros, salões de beleza e lojas que vendem produtos do Brasil –, e outros são trabalhadores autônomos. Embora isso inclua também jardineiros e pedreiros, os trabalhadores mais numerosos nessa categoria são os faxineiros.

Apesar de todas essas ocupações serem esvaziadas de *status* no Brasil, nos Estados Unidos, como aponta Ana Cristina, "bom pagamento proporciona dignidade". O que se perde em prestígio se ganha em remuneração. Os imigrantes brasileiros dizem que são tratados com muito mais respeito do que as pessoas que desempenham as mesmas funções no Brasil e afirmam gostar de limpar casas porque são independentes, não têm "chefe". A autora argumenta de modo convincente que o *status* ocupacional está sendo reinterpretado nos EUA para incorporar novos critérios, como independência e bom salário. Dessa maneira, o trabalho de limpar casas, considerado enfadonho por muitos, é transformado num empreendimento lucrativo.

Segundo Ana Cristina, as igrejas constituem uma parte fundamental da comunidade brasileira em Boston. A autora fez um trabalho esplêndido de análise dos diferentes apelos do catolicismo e do protestantismo em um contexto transnacional. Uma alta porcentagem (22%) de imigrantes brasileiros residentes em Boston é de protestantes evangélicos, enquanto, no Brasil, a porcentagem de protestantes evangélicos é de 13%.

Qual é, então, o apelo do evangelismo? Após estudar a atuação de três igrejas católicas e três protestantes na região de Boston, Ana Cristina concluiu que a história de sucesso dos evangélicos está ligada a vários fatores. As igrejas evangélicas são mais dependentes de seus membros para o suporte financeiro, menos hierarquizadas e menos centralizadoras do que as católicas. Existe um forte sentimento de que a igreja é "nosso" espaço, uma construção especial para os crentes brasileiros. Essas igrejas também fornecem ajuda prática aos imigrantes – aulas de inglês, auxílio para encontrar emprego, donativos em roupas de inverno e assistência financeira para os desempregados. Além do mais, esses espaços são lugares de grande sociabilidade, com centros de convivência, e também patrocinam regularmente jantares e outras atividades de lazer, enquanto os eventos sociais católicos são menos freqüentes e restritos a ocasiões religiosas especiais e feriados. Finalmente, o discurso das igrejas evangélicas pode ser reconfortante para os imigrantes, encorajando o trabalho duro, a prosperidade e a mobilidade social, o que está decididamente de acordo com suas aspirações pessoais.

Mensagens políticas divergentes também estão implícitas no discurso das duas tradições religiosas. Entre os evangélicos, os problemas dos imigrantes tendem a ser vistos como individuais e pessoais, enquanto, nos círculos católicos, as dificuldades dos estrangeiros são interpretadas como uma conseqüência coletiva de sua posição insegura como trabalhadores mal pagos. O clero católico encoraja uma ética comunitária entre os paroquianos a fim de fortalecer uma identidade comum como "trabalhadores" imigrantes. No entanto, em virtude de muitos brasileiros serem ambíguos sobre sua identidade – a de imigrante e a de trabalhador –, tal ideologia pode parecer estranha em relação ao seu próprio *sense of self*.

E quanto ao futuro? Quase 40% dos entrevistados simplesmente não sabem dizer se retornarão ao Brasil ou permanecerão nos EUA. Cerca de 15% relataram que não têm planos de retorno, enquanto uma porcentagem equivalente a essa indicou que pretende retornar ao Brasil para investir ou usar suas economias para algum outro propósito. Trata-se de um número surpreendentemente pequeno, uma vez que a maioria dos entrevistados declarou ter sido essa uma das principais motivações para a emigração.

Como mostra a autora, o retorno é difícil – os migrantes estão mais velhos do que quando deixaram o Brasil e muitos são casados e têm filhos. A volta é problemática também por outras razões: voltar significa a redução do poder de compra que eles puderam alcançar nos EUA e também a perda de alguns valores – como o respeito – que eles passaram a vivenciar na sociedade americana. Tudo isso contribui para a inércia, pois, em certo sentido, é mais fácil permanecer do que retornar.

Ana Cristina Braga Martes presenteou-nos com excelente trabalho. Sua análise instigante das várias questões acerca da emigração e da natureza da comunidade brasileira em Boston é acessível ao não especialista. Isso contribui em grande parte para a clareza do livro, que foge do jargão acadêmico e das construções pós-modernas que têm caracterizado trabalhos similares na academia.

© 2001, RAE - Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil.